



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVIII — N.º 452 — Preço 1\$00
8 DE JULHO DE 1961

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

CALVÁRIO

Era do Bonfim. Porque sem família e sem saúde, tornou-se pedinte. Muito conhecido, todos dele se compadeciam no poiso predilecto que era Gaia. Em certa altura desaparece. Ninguém dá fé dele, durante vários dias. Até que nos escombros junto à Via Rápida ouvem-se gemidos. Quem os escutou aproxima-se e dá com o pobre enrolado a um canto, todo nu, de barba crescida, muito sujo. Este quer falar, mas não pode. Não tem forças para tanto. Tudo em redor é sujidade. O desgraçado está atolado nela. E, de tal modo indefeso, que os vermes cobrem-lhe as costas completamente. Mãos amigas libertam-no da imundície. Pedem socorro ao Calvário. Mas, quando chego já é tarde. — «O Senhor levou-o ontem — dizem-me. Este Pobre muito sofreu, cobertinho de bichos que não são dados à carne humana. Mas estou contente; fiz tudo quanto pude e soube por este nosso irmão». No mundo há muita capacidade de amar. Gosto de ir por casa dos Pobres admirar o amor que se devotam, e aprender com eles a amar também. Qual de nós teria coragem e persistência para lavar tanta repelência e desinfecção esta vítima com creolina, como fizeram mãos de Pobres? Nós precisamos que os Pobres nos ensinem a prática da Fraternidade universal que o Evangelho nos ordena. Tenho pena de não ter oportunidade de estreitar nos braços este Pobre que o Senhor chamou. Mas, fico contente com a altíssima lição que aprendi: «Fiz tudo quanto pude e soube por este nosso irmão». Esta a primeira lição do dia. A segunda levo-a comigo, a caminho de Grijó, nesta carta escaldante: «Sou visitante de duas po-

bres irmãs. Não têm família alguma; nem pais, nem filhos, nem primos, nem parentes. Idade: dos 60 aos 70 anos. Solteiras. Trabalharam como floristas. A mais velha encamou há dois anos. A outra, mais nova, ia trabalhando para ambas. Há cerca de 4 meses um

continua na quarta página

10 ASSOU no dia 1 mais um aniversário da nossa Casa. É o sexto. Se puséssemos em paralelo a idade dos homens com a idade da Casa diríamos: — Que novinhos! Ainda não têm problemas! Mas não. O paralelo é inverossímil.

A Casa nasceu com lugar pa-

Setúbal

ra o berço e para a papa e pró vestido. O indispensável. Hoje não tem o indispensável. É que

eles não nasceram bebés. Os meus filhos nascem-me de todas as idades. Alguns vêm aos treze e aos catorze anos. Despidos, sim. Recém-nascidos para o bem, sim. Mas com exigências de vida muito para além das do bebé. Tenho-os com 15, 16 e 17 anos sem ofício, o mesmo que é dizer sem pão garantido, ou pior ainda sem o afastamento selado do crime. Eles não têm meios de vida? — Não. Eles não têm possibilidades de escolher o meio de vida mais apto ao seu gosto e às suas qualidades? Por isso eu tenho andado a correr. Ninguém me vê devagar e a ligeireza do meu andar não corresponde às necessidades deles. Este aniversário que à primeira vista poderia parecer de glória pelo muito que fizemos é de alguma tristeza pela extensão enorme do que era urgente estar já concretizado e não está.

Oficinas são a palavra de ordem. Temos alfaiataria com cin-

continua na quarta página

PAI AMÉRICO

Já me não lembro de como veio à baila... Tampouco se foi na mesma conversa que Pai Américo disse as duas palavras muito fugidias sobre o destino do seu corpo após a morte.

«Se me fizerem uma pedra, podia ser como a que fiz a meu irmão Padre Zé...» — Assim se fez.

«Se fosse possível, gostava de ficar na nossa Capela...» — Esperamos que assim se faça.

Esperávamos mesmo poder anunciar aqui, hoje, com toda a certeza, que tal será no dia 17 de Julho — 2.ª feira — 5.º aniversário da sua última visita à nossa, à sua Capela de Paço de Sousa. Porém, a resposta com a licença oficial ainda não chegou e a exigência da tiragem do jornal a tempo e horas não nos permite aguardar mais.

Mas contamos que sim! Estamos convencidos de que ninguém irá estorvar a realização desse seu

desejo — também nosso — de ficar aqui mais pertinho, aos pés daquele Altar onde ele amadureceu tantos pensamentos que geraram obras a bem da Nação!

Por isso, quase nos atrevemos a dizer que sim, que será nesse dia a trasladação.

Há-de ser tudo muito simples, para ser ao gosto dele. Encontro de família. Quem estiver, grande ou humilde, estará por devoção, a título de amizade.

Às dez da manhã, a exumação no cemitério local. Depois, viremos avenida acima, recordando aquele Amigo de uma hora antes da primeira hora, o qual acreditou sem ver: o Engenheiro Duarte Pacheco.

Que Nosso Senhor os tenha companheiros no Céu, como aquele momento o serão na nossa lembrança carregada de admiração e de saudade.

Depois, na Capela, será Missa Solene, Missa de branco, que é cor de pureza, de alegria e paz.

Depois, o seu corpo fica ali, de onde o seu espírito jamais se arredou. E será mais um estímulo para continuarmos a viver em simplicidade.



A Festa em Braga

Fomos com alegria e viemos com saudade.

Tudo correu de maneira admirável: em tudo e sempre fomos rodeados pelo carinho e simpatia da boa gente de Braga.

A festa foi uma reunião familiar que mais nos aproximou dos bons amigos que contamos naquela cidade.

A Gerência, duma amabilidade extrema; e todo o pessoal do Teatro-Circo nos dedicou o seu trabalho, sempre bem dispostos e contentes por voltarem a contactar conosco.

A Festa terminou em ambiente muito agradável e se tínhamos amigos em Braga, ao sair de lá tivemos a certeza de que muitos mais arranjámos.

A nossa gratidão a todos os que tornaram possível este reencontro, prometendo nós desde já que Braga passará a contar na agenda das festas que anualmente realizamos.

Américo dos Santos

Do que nós Necessitamos

Foi na véspera de S. João, mesmo à hora do almoço. Duas caras conhecidas, não sabíamos de onde, queriam falar-nos. «Viemos do Porto a pé, disseram. Saímos às 4 horas da madrugada. Há já alguns anos que fazemos este sacrifício». Não havia sinais de cansaço nos rostos, mas alegria. Aceitaram o caldo quente daquela hora e regressaram a meio da tarde. Deixaram ficar um saco de moedas, recolhidas entre as amigas. Estas moedas escaldam porque trazem a marca do sacrifício sangrento e do suor. Até ao ano, se Deus quiser.

Vamo-nos habituando a estes gestos, graças a Deus.

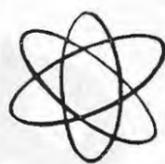
Há os que vêm habitualmente, os que incluem no seu orçamento mensal ou anual, com mais ou menos sacrifício o cuidado dos outros. Vejamos: «Uma amargurada» escolheu o dia 22 de cada mês para marcar presença. E não

tem faltado. Em tudo o que nos dão, há uma intenção superior que dá valor, por vezes infinito, aquilo que em si poderia valer muito pouco ou nada. «Por alma daquela que tanto amei, para a Obra que Ela tanto amava», outra legenda que nos habituamos a ler todos os meses. Mais: «Saúde e a graça de Deus desejo a todos. Junto envio a minha cota mensal e mais vinte como é costume quando tenho mais trabalho». O pessoal da Mobiloil vem sempre. «Para a Viúva da Nota da Quinzena e para ajudar uma mãe a alimentar o seu filho». O correspondente aos meses de Janeiro, Fevereiro, Março, Abril e Maio de R. D. com o pedido de desculpa pelo atraso. São obrigações que a si mesmos se impuseram livremente, donde todo o seu valor. De Luanda perguntam aflitos se nos têm chegado as cotas mensais. Sim, podem estar descansados que todos os

meses temos recebido. Da R. da Madalena, os 20\$00 habituais sem mais nada! Mais uma legenda: «No prosseguimento dum propósito de há muitos anos, venho remeter um cheque da quantia de três mil cento e cinquenta escudos, produto de pequenos aumentos de ordenados acumulados e religiosamente guardados para essa Casa. Permita Deus, que brevemente lhe pudesse enviar mais, muito mais, A. R. R.». Não precisamos de fazer comentários. O costume do assinante 4343. Mais: «Aqui estou tal como nos anos anteriores a mandar uma parcela da gratificação recebida pelo meu marido. É com grande satisfação espiritual que o faço. Que Deus aceite os nossos sacrifícios por um mundo melhor». Reparem nas intenções que acompanham estas migalhas que são dadas conscientemente.

Para além dos que vêm habitualmente até nós, há os que, sempre que podem, não nos faltam com a sua presença. Vejamos: «Sou assinante do vosso jornal que leio sempre de uma ponta a outra. E que bem me faz lê-lo... Depois... o mundo parece-me melhor. Deus tem sido extremamente generoso para comigo e para com os meus. Há-de perdoar-me se desta vez ainda envio pouquinho; mas há-de ajudar-me a considerar que não me fará falta o mais que mandar». De Espinho alguém se lembrou dos Pobres do Barredo, cuja assistência vai passar a fazer-se em novos moldes com a inauguração do Centro Social do Barredo. Uma Filomena do Porto veio e diz: «que há-de vir mais vezes se Deus me ajudar». Comunicamos à A. G., de Tomar, que temos recebido regularmente tudo o que nos tem mandado; e o mesmo dizemos a C. B. A. R., do Porto e a M. I. de Águeda. Mais uma prece de Lamego: «Junto envio uma parte do meu ordenado e não há-de ser a última, se Deus quiser. Peço uma oração pela felicidade do Lar que vou fundar em breve». E mais outra: «Querida ter ido ao Coliseu ver a festa dos Gaiatos. Como já fui atrasado comprar bilhete encontrei a Casa cheia. Envio 20\$00, dinheiro que tencionava gastar com o bilhete. Sou estudante e admirador da Obra da Rua que um dia ajudarei na medida em que puder. Que Deus ajude a Obra que é Sua e ilumine os espíritos daqueles que, podendo ajudá-la o não fazem». Ó encanto! Um anónimo do Rio de Janeiro, por intermédio de uma bracaraense, quis também estar presente pela 3.^a vez. P. L. M. N., cumprimos o que nos pediu. Mais uma presença generosa de Lamego. Um grupo de revisores da C. P., do posto de S. Bento, cotizaram-se entre si e mandaram-nos o produto das suas renúncias. Todos vêm com o que podem: as migalhas de vinte misturam-se com as de 50 e 100 e 200 e 500\$ e mais, de todas as partes do nosso Portugal.

Padre Manuel António



FACETAS DE UMA VIDA

A carta de hoje não será das que mais interessam toda a gente, mas tem a sua oportunidade nesta hora em que a nossa existência africana é posta em dúvida pela cobiça das nações... e a nossa consciência dela se gera e rectificava na dor.

De um dos excertos publicados a última quinzena, constava um lamento por não julgar bem encaminhado para o sucesso o seu desejo de «ver nesta n/ África uma Casa Portuguesa de nome e prestígio, coisa alheia no nosso meio». Ele mesmo se encontrava em Lourenço Marques, com grande prejuízo seu, para «ressaltar o meu brio de Português que outros desejavam apoucar».

A carta que hoje damos, datada de Lourenço Marques, 20 de Agosto de 1922, continua a revelar-nos os mesmos sentimentos patrióticos, a propósito «da questão a que chamam Bancária e Monetária».

Um outro pormenor do seu carácter ele nos deixa perceber, quando comenta em palavras, que então talvez fossem consideradas beréticas, a notável façanha de Coutinho e de Cabral. Homem em potência para grandezas de pensamento e de realização, tinha da grandeza um sentido sacral, cheio de simplicidade e discreção, que lhe não permitia comungar da euforia colectiva. Na sua vida de Padre, sempre as solenidades seriam para ele tão maiores quanto mais cheias de espírito e vazias de formalismo.

Ainda uma observação: Que longe ele estava em 1922 da total transformação de vida que se avizinhava! «Gosto a valer de Lourenço Marques e por vontade própria não escolherei nova terra para trabalhar».

Na verdade não foi ele que escolheu. Foi Deus que o chamou e lhe escolheu outras terras para se consumir.

Meu caro N.:

Eu não quero que v/ se masse, como até aqui tem feito, em escrever-me cartas tantas vezes, porque isso lhe tira o tempo que com certeza precisa para outros serviços de mais urgência e importância. Pela sua última carta soube que está de regresso à Madeira, com os Seus, e que tudo lhe corre bem.

Eu vivo bem e estou satisfeito com a minha vida e com o meu trabalho. Gosto a valer de L. Marques e por vontade própria não escolherei nova terra para trabalho. A princípio, os primeiros três meses passei horas bem azedas e não desejaria que inimigos meus as passassem tal qual eu as passei. Contribuí muito para isso a minha ocupação que foi muito diferente daquela que eu vinha tendo no Cbindé há muito mais de 10 anos. Não é porque o trabalho que me destinaram me envergonhasse, mas era um trabalho sem saída, que eu sabia d'antemão ser improficuo, um trabalho morto que a nada nos animava e nenhuma consolação nos trazia. Chamei muitas vezes à minha mente, enquanto pesava e abria caixas e sacos no quilómetro um, todos os meus recursos de filosofia, e nenhum soube adaptar às circunstâncias a não ser aquele de me cobrir de paciência e resignação e esperar por melhores dias. E para alguma coisa me serviu esperar, porque desde Abril do ano passado que tenho a meu cargo um trabalho animador, um serviço que se vê e que se sente e sobretudo, um trabalho de que sinceramente gosto. Tenho a meu cargo todo o movimento dos vapores da DOAL, e estou nas minhas sete quintas.

O público de Lourenço Marques, que até à data tem estado em festa por causas das grandes glórias dos dois homens que voaram de Lisboa ao Brasil, o público, dizia eu, presentemente debate-se em sérias e graves opiniões e controvérsias, por causa da questão a que chamam Bancária e Monetária. Mas antes de lhe falar destas, deixe-me dizer duas coisas sobre a maneira como todo o Portugal festejou os homens da situação. Eu não sei se v/ será da minha opinião, mas se não for fica v/ com a que tem e eu guardo esta que lhe apresento. Está bem que se festejasse o feito, mas da maneira que se fez, eu acho simplesmente ridículo. E se os dois homens são de ciência como de facto são, não-de por força ser modestos e assim a estas horas devem estar verdadeiramente entupidos com tanto barulho e tanta festa que à sombra d'eles se tem feito. Porque, S., feitos têm-se visto e grandes, feitos aparecem todos os dias em todas as Nações e por todos os povos. Ainda agora anda uma missão a subir aos píncaros do Himalaia, aonde nunca ninguém foi. Dizem os últimos jornais que morreram oito pessoas, e os sobreviventes não desistiram. Tem-se voado muito e pensa-se em voar mais. Há dias foi enterrado o Sir Skeleton, o homem do polo norte. Os jornais falaram, o mundo manifestou-se, o eco da coragem dessa gente chegou a toda a parte, mas tudo com peso, ordem e medida. Nós então fomos ao extremo. Aqui sobretudo era simplesmente ridículo.

E agora ridícula é a questão dos jornais, dos quiosques, dos comícios e de todos. Nada lhe digo porque v/ com certeza tem aí os jornais mas uma coisa lhe digo e esta é certa. É que ninguém resolve nada nem com a pressa nem pela forma como se deseja. O mal não se limita a Lourenço Marques; o mal assola todo o mundo. Dizem que a história se repete e é verdade. Quase todos os problemas complicados das sociedades actuais têm sido resolvidos com os recursos que a história antiga nos dá, mas este não tem precedentes. Este é único e por isso mesmo há-de ser resolvido com tempo e nunca como os homens julgam que sabem. Eu estive no comício passado, no Varieté e admirei

PELAS CASAS DO GAIATO



LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA—Quem ainda não ouviu falar na Entrevadinha da Sé! Tenho a certeza de que todos os leitores assíduos do nosso jornal, não desconhecem este nome, pois já por várias vezes narrámos a sua triste história, nestas colunas.

Aqui atrasado fui lá fazer-lhe uma visita. Logo que me viu, inquiriu de mim se estava bom e relatou-me os sofrimentos da sua doença. Depois de muito conversarmos sobre a sua triste situação, pediu-me que escrevesse no nosso jornal um seu pedido, ao que eu respondi que seria feita a sua vontade.

— Antigamente, comecei por me dizer, antes de ser parálitica, vivia na Ribeira e, como tal, tenho lá muitas pessoas amigas que me vão dando alguma coizita. Vou para lá aos Domingos de tarde, mas para ir tenho de pedir a alguns homens que me levem numa cadeira. Sucede que eles levam-me dinheiro pelo trabalho e eu muitas das vezes não junto importância igual à que gastei no meu. Se eu possuísse um carrito de rodas, a minha afilhada levava-me para onde eu quizesse e assim poderia ao menos ganhar dinheiro para a sopa. Tenho cá um pressentimento que, se o Senhor o pedir no jornal eu seria atendida.

Eis-me pois estimados leitores, a transmitir o seu pedido. É na realidade um caso que só a vossa generosidade pode resolver. Abri os vossos corações e escutai esta pobre inválida, que ficará sempre pedindo a Deus pelos seus benfeitores.

A Campanha «Tenha o seu Pobre» parece que está em crise. Deus vos toque nos corações e vos acorde, já que as minhas palavras não conseguiram. Peço pois a todos os que tomaram a seu cargo pobres, estipulando uma certa quantia a enviar periodicamente, se não esqueçam e nos enviem alguma coisa.

Aqui fica pois o aviso, resta-me aguardar a vossa compreensão e generosidade.

Alberto de Almeida

T O J A L

Já há muito não viamos a nossa casa tão invadida pelos nossos amigos como neste ano e neste verão. Deles de semana; deles muito mais aos domingos. Tem sido uma satisfação a vossa presença! Não sabem o bem que nos fazem: o tempo por fora fica tão bem preenchido em convívio mútuo e consolador — o ambiente de casa torna-se um arraial mais vistoso, atraente e agradável que o de fora.

Oiçam! Venham, já não digo em grandes massas, para não se condensar numa só jornada, mas venham contínua e gradualmente... a modos que sintamos a vossa presença. E damos graças a Deus.

— O trabalho é também sorriso. Mais real e franco o consideramos quando nos manifesta os seus rendimentos. Cruzamos os braços, olhamos... «vale a pena», dizemos. Pudeira! Não podemos negar, desta feita. Nós apalparamos, nós saboreamos os seus lucros — são a nossa sustentação e sobrevivência. Que duvidar, por isso? Nesta época e em toda a parte o labor aumenta — é só de sol a sol... e os esforços não se medem. Pois tivemos já a ceifa do nosso trigo. A tarefa correu sempre animada, embora o cansaço aumentasse de dia para dia, consequência da falta de hábito, pois os rapazes nas oficinas não pegam em foices e sob a dureza do sol.

O trigo produziu bem, graças a Deus.

— A nossa quinta está cada vez mais bela. As ruas todas concertadas, parecem mais que auto-estradas. Verdejante e mimosa; viçosa e alegre; Tojal lança ao ar o perfume das suas flores.

— A Senhora D. Noémia e mais alguém gosta de vir de quando em vez até cá. «Faço sempre cara aborrecida. Não gosto pouco de vê-los. Para quê?» O certo é que nesse dia podemos contar com alguma coisa boa e abundante na mesa. Senhora D. Noémia, quer continuar a «aborrecer-nos»? Responda.

Continuemos a merecer, nós, rapazes, estas visitas, o produto da nossa quinta, os manjares da Senhora D. Noémia. Creio que estamos a caminhar seguros!

Zé do Porto



Carta aos nossos

Não nos queixamos. Somos felizes porque vós servis para servir. É humano que sintamos consolação na vossa utilidade. Talvez sem a Obra, a Pátria não tivesse reparado em vós a tempo de poder contar convosco em horas difíceis como as de hoje...

As Famílias naturais, muitas, são chamadas ao sacrifício e dão dos seus filhos, um, dois... três... A nossa Família já passou da dúzia e conta continuar. Não só os agora na idade do serviço militar. Ainda hoje partiram dois que já tinham cumprido, dois que preparavam para breve o seu Lar. Afinal, sabe Deus quando será!...

Não nos queixamos... Somos felizes... Só poderá quebrar a nossa felicidade a vossa desproporção com a grandeza da hora que vivemos.

Queríamos que todos vos formásseis sobre esta verdade: Tudo quanto Deus permite, por mal que nos pareça e seja, é sempre para bem. Que linhas tortas ele escolhe

do Ultramar

para escrever direito! Porque o faz? Decerto para vencer a nossa incredulidade, a nossa frieza; para encher de oportunidades de regeneração o vazio das nossas omissões, tão atrevidas quanto imprudentes.

A prova custa... mas seria precisa! Os dorminhocos não acordam com palavras mansas; os moles não se erguem ao som de uma voz dormiente. É necessário um estremeção, um golpe de energia.

A paz em que nascemos e crescemos seria uma graça..., mas não a soubemos aproveitar. A nossa paz bebeu das guerras que foram em volta de nós sem nos atingir, as reacções defeituosas dos que as sofreram; e não nos deu aquele crescimento em virilidade que só o sofrimento dá. Despersonalizou-nos.

Decerto seria precisa a dura prova, se Deus a permite!...

Não nos queixamos, pois, e somos felizes na medida em que vós compreenderdes assim as dificuldades que nos surpreendem e tanto modificam o curso dos nossos projectos.

As Famílias de sangue dão um, ou dois... ou três filhos. A nossa já passa de uma dúzia. Cada um de vós é uma palpitação nossa por lá. Sentimos que se firma o nosso direito de Família, que somos. Enchemo-nos da esperança de que o Senhor não deixará inútil o nosso sacrifício e por ele há-de purificar e estreitar os laços que nos unem. Temos a certeza de que o apelo ouvido corajosamente e correspondido generosamente, vos não pode cortar, antes fortalecerá o vosso, o futuro de todos nós.

Passais já de uma dúzia. Passavam de duas os outros nossos que há mais tempo regavam com seu suor o pão que colhiam no nosso Ultramar. Não podemos ser assíduos na correspondência para cada um. Este cantinho do nosso jornal — que vos há-de ir ter por avião — leva-vos notícias da lareira que vos criou e espera pelas que cada um há-de enviar em troca do pensamento nosso que vós sois aí, quando os nossos corações rezam: «Pelos irmãos ausentes — salva-os, meu Deus, os Teus que esperam em Ti».

O S. G., que nunca tinha ouvido falar. O homem é de recursos. No meio de uma caterva de 800 homens a pedir libras e ele só a pedir escudos, o homem teve trocos para todos. A tudo e a todos deu resposta, com serenidade, sangue frio e sabendo o que estava a dizer. Sim senhor. E saiu agora a lume um livro de poesia, a meter tudo a ridículo, com muita piada e muito bem escrito, e para v/ fazer ideia da piada que ele encerra basta que lhe diga que na capa diz isto, —

Preço um shilling e um chamigo, para contentar todos.

E como creio que nada mais o pode interessar desta terra que foi sua por muitos anos e agora é minha, eu vou deixá-lo na paz do Senhor juntamente com todos os que lhe pertencem. E fico à espera da carta que, como sempre, infalível, deve chegar na próxima semana.

Adeus meu caro S.

Américo de Aguiar

TRIBUNA de Coimbra

FOMOS nos últimos domingos pedir a algumas igrejas da cidade da Covilhã. Há sete anos dois dos nossos pequenos ali vendem «O Gaiato» e trazem sempre o testemunho do carinho e da dedicação de toda a gente. Só assim sossegamos quatro dias por quinzena em que eles por lá andam. Em cada pai e em cada

mãe nós vemos o pai e a mãe dos nossos.

Agora fomos nós a primeira vez. Foi a Opel mais três antigos vendedores, o Sardinha, hoje professor Carlos Manuel Trindade, o Manequim, agora chefe maior da nossa Casa e o Cabouco, que deixou o grupo por que acudia para ser um grande aferroado do Sporting da Covilhã. Não precisámos de apresentação. A Obra da Rua é de Portugal inteiro e já não há canto onde não seja. Fomos rodeados de todo o carinho, a começar pelos Senhores Priores. Trouxemos doze contos em dinheiro, uma peça de fazenda, embrulhos, uma mala de roupas e a alma cheia de amizades.

Pedimos também já em algumas igrejas de Coimbra. Em S. Bartolomeu, deram-nos mil e setecentos escudos; na Sé Velha o mesmo; Na Sé Nova 4.200\$; Em S. José, 5.600\$; em Santa Cruz será depois de férias. Coimbra continua a ser o nosso centro. Dela nos chegou à mão, ou em carta, ou entregue directamente: vinte de Jorge e António; 50 de casal amigo; mil trazidos aqui para os Pobres da Conferência; 500 na Páscoa da Auto-Industrial; 400 das sempre amiguinhas Maria Helena e Maria Isabel; vinte em Santa Cruz; 200 confiando muito em Deus; cem a um vendedor.

Amêndos dos Funcionários dos C. T. T.; roupas para doentes a um vendedor; 50 de uma Mãe angustiada e agora outros cinquenta. Nunca devemos esquecer a verdade que encerra a frase da Salvé Rainha. Duzentos levados ao Lar; arroz e açúcar da Merceria Aliança; dois sacos de batatas; mil para nós, Calvário, Património e Belém; 300 de A. A. M.; embrulhos vários e assinaturas em Casa do Castelo; 140+50 levados ao Lar; um retalho de fazenda; 50 a um vendedor; 200 de Senhora que já há muitos anos nos ajuda; 16.270\$ da festa no Teatro Avenida.

Trezentos em sua casa para o Calvário, por alma do marido; vinte à porta de Santa Cruz; muitas migalhas e gotas de suor de «um figueirense»; três mil de um jovem de leis, que revela muita grandeza de alma; quinhentos no aniversário de quem faz tudo pelos nossos estudantes; cinquenta para assinaturas e para o Calvário; vinte à porta de Santa Cruz e no mesmo lugar 500 de advogado muito amigo e por quem tenho muita consideração; 200 em vale de correio da Av. D. Afonso Henriques; uma mala de roupas levadas ao Lar; 20 na Sofia; 50 à porta de Santa Cruz; 4.000\$ para o Património e mais 5.000\$ para o mesmo fim.

Cinquenta em Miranda, de amigo de Coimbra; cinquenta da Guiné de grandes amigos da Covilhã, por alma do filho muito querido; um lençol de Mirandela; mil e mais cem para assinaturas e roupas de casal vizinho e sempre amigo; medicamentos de Monte Real; roupas a um ven-

dedor em Leiria; cem do Colégio de meninas em Tomar; açúcar em Tomar; quinhentos na mesma cidade; mais quinhentos ainda na mesma; 40+10+100+

Campanha de Assinaturas

A VOZ DOS LEITORES: A Madeira — Pérola do Atlântico — quer marcar uma presença tão viva como a sua beleza? Julgo que sim. Pròquê, façam favor de ouvir uma professora madeirense:

«Aqui vão estas duas assinaturas angariadas num fim de semana. Eramos um grupo de professoras, mas nem todas assinantes. Aparece um «Gaiato». Fala-se da Obra — uma diz daquilo que já viu, outras, daquilo que lêem, outras, que por mudarem de residência durante o ano lectivo, não o lêem regularmente, falam do vácuo que sentem. O entusiasmo cresce. O amor é muito — todas o julgam indispensável. Por isso, foram mais duas a querer partilhar do entusiasmo de tantas outras e a amar a Obra. Pena que não fossem todas, mas restaram poucas».

Acho que a Madeira não fica só por aqui. Mesmo este núcleo de leitoras, entusiastas, não há-de estagnar: O amor (pelo «Famoso») é muito — todas o julgam indispensável. Então prá frente — que a seara é grande!

x x x

LISBOA/PORTO — A Capital merece um aceno especial. Segue de mãos cheias e alma quentinha. Não pelo calor que ora nos atormenta, mas por outro mais consolador — a Campanha de Assinaturas. Estou contente. Viva Lisboa!

A Invieta, apesar de nesta quinzena ter descido uns degraus, não está cabisbaixa; que a alma do Porto é um caso sui generis, pois já a conhecemos muito bem — nunca se pode julgar adormecida. Eis:

«Eu não vos dizia no meu último postal que não desanimava? É com funda alegria que vos comunico que «acacei» mais uma assinante. Grão a... grão, vai enchendo a galinha o papo... E, com a ajuda de Deus, muitos

+7\$50+77+50+5\$, de visitantes e 140 de peregrinos a caminho de Fátima.

600 de Alcobaca de uma jovem; 20+selos+selos da mesma terra; cem a um vendedor de Castelo Branco para o Calvário; 880\$ por alma de Senhora da Pampilhosa e entregues pelo pároco de S. Bartolomeu; mil de vizinho que no Brasil lembra bem a sua terra; embrulhos, no Castelo; 300 de um dos nossos de África; 567\$ de lucros na Cooperativa de amigo vizinho; 120 do Porto para a conferência; 50 das Caldas para o mesmo fim. São devoções já muito antigas. Cem da Nea de Luanda; 50 na Pampilhosa da Serra; 300 e muitos mimos em Medelim; 50 em Fátima; mais 50 no mesmo sítio; muitos terços e objectos religiosos entregues a um dos nossos em Fátima; 500 de reunião de curso médico, entregues pelo pároco da Figueira da Foz. Bem hajam todos.

Padre Horácio

mais vos hei-de arranjar, e juntar a todos os que já vos envie. Só vos peço isto: rezai pela paz da nossa querida Pátria e para que as consciências dos homens se iluminem.

x x x

DO MINHO AO ALGARVE — Aqui está o grosso da coluna. Muitas terras, muita dedicação, muito Amor.

Vamos começar por Cova da Piedade que pede «já o próximo número para que a «chama» não se extinga antes de o «Famoso» chegar». Que esculpida dedicação! Depois, um salto ao Algarve, que poucas vezes aparece (porque será?) e temos Vila Real de Santo António, pela mão do assinante 610 que, além do mais, transmite «bons desejos de progresso na «Campanha». Para que assim seja, tenha a bondade de aí continuar o incêndio — a ver se desperta os algarvios.

E mais Ilhavo e Caldas da Rainha e Alhandra e Castanheira de Pera. E ainda mais Coimbra, Aneão, Guimarães, Beiriz, Valado de Frades, Esposende, Setúbal e, com gente fresca de Caminha, «presente o 9330, que sempre na linha da frente procura elevar o «NIVEL» do Famoso, Jornal da Verdade». Isto é que é persistência!

Alto! Estava a esquecer-me de Braga, onde a festa mai-lo entusiasmo do público foi um amor. Lembrámo-nos de pôr toda aquela gente na Campanha em pé de guerra e o Sr. Padre Carlos atingiu o rubro, aquecendo a alma da assistência. Já temos presenças com gente fresca e tenho fé que os vendedores do «Famoso» — Zé Bolas e Chico — na próxima venda vão sentir a repercussão da festa no Teatro Circo. E tenho fé, também, que há-de vir mais e mais assinantes.

É tudo. E até à próxima se Deus quiser.

Júlio Mendes

A ausência muito acentuada de notícias desta Casa, levamos a continuar o que nos dão no Tojal. Bom seria que tivéssemos muito para apresentar. Vem aí o verão. Muitos dos nossos leitores procuram um descanso legítimo. Não vão esquecer certamente estes, mais que ninguém precisados. Não só pelo trabalho que é lei dura em nossa casa, mas também porque o corpo enfezado e em muitos purulento, carece de ar de mar, mesa sábia e abundante. Não sei que dores de cabeça me esperam, agora que nos vamos lançar na construção duma casita para as nossas colónias em

Duas Cartas

Queria primeiramente agradecer, através de V., a todos os que tanto bem têm feito, directamente, aos nossos irmãos pobres, pela vossa obra protegidos, e, indirectamente, a todos, creio bem, os que têm tomado conhecimento com a Obra. Neste caso é, sim, de agradecer, e tanto, tudo o que nos traz o vosso jornal, de Amor, de encorajamento para uma vida mais autêntica, no meio de tanta deformação.

Queria-vos agora confiar, em agradecimento a Deus, pelo termo do meu curso, o produto do meu primeiro trabalho e parte do meu último mês. Gostaria, talvez, que fosse utilizado no Calvário ou para algum caso urgente em que ele pudesse ter utilidade, peço-vos, no entanto, que lhe deis o fim que melhor vos parecer.

Mais uma vez agradeço, despeço-me.

★

60 anos! Dizem ser um aniversário a festejar, segundo as convenções mundanas...

Não vai porém o tempo para festas dessas e porque assim é grato ao meu coração, junto aquilo que gastaria com a «festa», pedindo-lhe que o distribua irmãmente entre a Casa do Gaiato, o Calvário, Belém e o Património dos Pobres.

E se não fôr ousadia, de que humildemente vos peço perdão, agradeço que em vossas orações, intercedeis junto ao SENHOR para que me afaste do pecado, fazendo com que se manifeste a solução Divina e Perfeita do seu problema. Graça que venho pedindo em total e completa submissão à Sua Divina vontade.

Com o meu profundo reconhecimento vão para as vossas obras e para Vós os meus melhores votos das maiores venturas em CRISTO SENHOR NOSSO.

O QUE NOS DÃO NO TOJAL

S. Julião da Ericeira. Nem podemos esperar mais tempo nem deixar de levar para ares de mar estes Rapazes. Eu não sei que dores de cabeça vou encontrar. Tanto mais que vem outra máquina da Tipografia a caminho e é necessário começar o pagamento. Hei-de certamente esconder muitas vezes a cabeça entre as mãos e pedir a Deus que me alivie um pouco o cálice. Hei-de também quanto possível segredar aqui estas dores a quem nos ama para se tornarem mais suaves.

De um Senhor que veio à minha procura e não me aheou, um embrulho com amêndoas e 50\$. De F. Marques 2.500\$. Em S. Sebastião duma promessa de pessoa pobre, 50\$. A outro vendedor 20\$. De se-

nhora muito amiga que anda a juntar pelas pessoas de família para uma casa do Património 500\$ e cem de quem a acompanhava. Pelo correio um Candy-bar de uma filha de Cristo. Alguém que tirou à sua boca este mimo e mandou para outro com menos. Foi para o Marito, que por essas e por outras gosta muito de aparecer pelo meu quarto. 300\$ do ordenado duma criada de servir no Saldanha. Que amor não há naquela Casa pelos nossos rapazes. Não passa domingo que não haja merenda para todos os nossos vendedores! A assin. 8847 a pedir a esmola dum P. N. pelas melhoras do marido. Da Fábrica de Sacavém muita loiça e 40 sacas de batata das

Sociedades Reunidas Reis para comermos dela. E dos Lobitos da Igreja de São José muitos holos que andaram a juntar para trazer aos nossos mais pequenos e mais 417\$. Um bravo para estes caros Lobitos. Mais de uma cotização familiar. Mais beleza.

De uma promessa 50\$ e mais cem de assinatura. Graduada da M. P. F. com 370\$ e uma visita muito interessada. Alguém depositou na conta desta Casa no Espírito Santo 1.200\$. Bem haja. Do Senhor Engenheiro da Casa Bells, as prestações mensais de cem. Um contribuinte espontâneo e pontual. Mais uma Mãe da Amadora a pedir pelo seu filho numa carta muito amorosa. 2.150\$ duma senhora que entregou, sem mais, à porta do Lar. O desprendimento de quem dá é por vezes emocionante. Quanto Deus não terá esta alma presa a Si. No Montepio «roupas de pessoas que muito vos amaram e amam». Camisolas para o verão duma Portuense que vem sempre no Natal. Mais roupa de eriança para os netinhos da Obra. Visitantes com 70 e 20. Roupas e um sofá. Mais um embrulho de roupas para os mais velhos que por via de regra são os

que mais me fazem sofrer por causa das ditas. E um cabrito que com os seus pinotes enche os rapazes de alegria. E agora o rescaldo das festas do Império: 19.850\$ nas capas, era o que vinha destinado ao Calvário. E a oferta do Auto-carro Bucelense, para levar os nossos rapazes à festa. Um embrulho de roupas também através da Bucelense. Malas com roupas e bolos para os os nossos miúdos. 2.500\$ duma amiga em vésperas de casamento, para melhorar o almoço dos rapazes. Deus lhe dê um Lar muito feliz. De Loures, pelas melhoras de uma sohrinha. 20. Peditório de São João de Deus 29.830\$50. Na caixa do correio do Lar 200\$. D. Berta Dine cem e M. Paixão cento e cinquenta. Da Snra. do Externato de Mosevide que por tantas vezes nos tem presenteado com coisas de seus filhos, agora 500\$. De um casal do Campo Grande, no dia de Santo António, 350\$.

Padre José Maria

SETUBAL

Continuação da primeira página

co deles em devoção linda e reconfortante na aprendizagem do ofício. Se visses o gosto com que eles fazem o que já sabem, o interesse que põem na aprendizagem de tudo o que o mestre lhes vai ensinando, a alegria irradiante que se desprende de todos os seus movimentos ao sentarem-se à máquina para trabalhar, a usânia que personifica e a esperança que dá a estabilidade verificada depois que entraram na oficina, tu cantarias comigo um hino de glória e de lowor à oficina! Bendita oficina que me ajudas a fazer sublime o que a sociedade olhou como rebotalho! Podes mandar fazer tudo! É tudo bem feito! Ao teu gosto! Eu tomo a responsabilidade!

Temos sapataria. São três. Da mesma maneira. A mesma vida. O mesmo gosto e, graças a Deus, com trabalho bastante.

Temos o campo. Uma quinta com possibilidades de escola.

Visado pela
Comissão de Censura

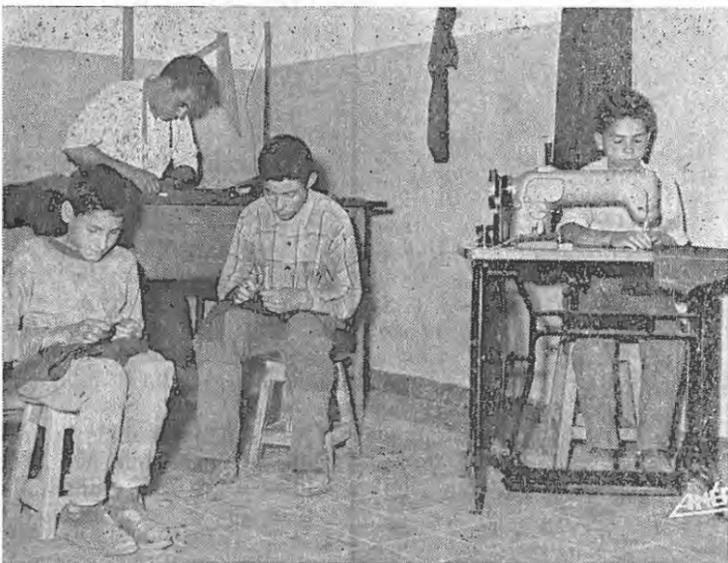
Pomar. Arroz. Vinha. Vacaria. Uma vacaria moderna não para fins industriais. Não somos industriais! Uma vacaria escola. Mas mais nada. Faltam máquinas, falta instrução agrícola, falta a atracção. É preciso o equipamento. Sem ele os rapazes não gostam da agricultura. Tenho de arranjar para a quinta a atracção da oficina. Sem ela não nasce o gosto neles! E nós precisamos tanto em Portugal de bons agricultores. De gente que saiba.

Uma marcenaria? Pensamos nisso. Temos o apartamento pronto.

O que mais domina o meu viver e se me apresenta acima de todas as preocupações, a exigência que mais suga o meu sangue é o lar na cidade com oficinas mecânicas de carpintaria, serralharia e tipografia; com salas de estudo para os que cursam já o Liceu e a Escola Técnica. Tenho de começar este ano. Como? — Não sei. Onde? Também não. Sei que tenho de começar. O resto não é comigo.

Que direi daqui a um ano? O que Deus quiser.

Padre Acílio



O Trabalho é a estrela que conduz o dantes farrapão da rua. As mãos e o coração ocupados, são forças irresistíveis!

DELICADEZA: Há muita falta dela. Em tempos, o C.º Pereira, encetou esta mesma campanha, todavia não surtiu o efeito desejado pela falta de persistência, um dos grandes males de nossas casas. Ora, a persistência é tudo. Sem ela, não se vence. Sem ela não pode haver a delicadeza que tanto é precisa, bem como qualquer outra empresa a que se meter ombros. Esta é muito bonita. Então não é? Mas, afinal de contas, porque não somos nós delicados? Porque nunca quisemos verdadeiramente enveredar por este caminho. E agora, vamos querer? Esperamos que sim, tanto mais que daí advêm lucros para toda a comunidade e de toda a ordem!

Daniel

Diga-me por favor, Snr. Padre, onde devo bater para conseguir o internamento destas pobres infelizes?»

Isto é argumento de alta veemência em prol da existência do Calvário. Chego a Grijó e confirmo tudo quanto me noticiava a carta explosiva. Diante da realidade, digo imediatamente que sim, que estão duas camas vagas no Calvário. E nesta altura tenho oportunidade de observar a alegria esufiante do vicentino, que me acompanha, ao saber que as suas pobres iam melhorar de situação. Quantos se alegaram com o bem dos mais? Quantos? Este vicentino rebenta de alegria!

Pai Américo deve ter rejubilado imenso com estas linhas de fogo que o mesmo vicentino envia e que afinal são para ele, para o método evangélico que nos ditou:

«Senhor Padre.

Muito obrigado pelas duas lições enormes que me deu:

A primeira — que vale a pena tentar sempre quando se trata da causa dos Pobres. Quando já quase descreia de tudo e de todos peço à V. Casa um conselho e não é um conselho que me é dado. É a solução do problema que me encontram.

A segunda — é a simplicidade com que tudo se resolveu. No Evangelho também é assim. Nem questionários, nem atestados, nem pedidos, nem cunhas, nem nada. Apenas a certidão de nascimento para servir no «enterramento». Pela Fé que reacendeu na minha alma, repito, muito obrigado».

Padre Baptista

CALVÁRIO

Continuação da 1.ª página

ataque atira-a também para o leito com paralisia e perda da fala. Estão as duas no leito sem ninguém nem nada. A conferência pediu e obteve das vizinhas a presença diária de uma mulherzinha a quem pagamos 5\$00. Mas, os dias vão passando e todos vão ficando cansados. As duas sujam tudo na cama. Gritam com dores. Se estão algum tempo sós, caem da cama abaixo. O médico receita. Nós compramos. Mas falta assistência permanente. Tenta-se o internamento, mas onde?

Apelo para o médico assistente: — Que não há saída para estes casos; os hospitais são para casos diferentes. Estes entrando, passando dias, têm alta, porque incuráveis.

Apelo para a Junta de Freguesia: — Que não está nas suas mãos.

Apelo para o Governo Civil: — Não respondem.

Apelo para o Instituto de A. à Família: — mandam duas visitadoras. Deixam uns escudos. Que voltam... mas o fim deste caso não é internamento. Insistimos: — Que vão tentar.

Informo-me da possibilidade de internamento num asilo: — Que só aceitam velhinhos, andando eles de pé; assim acamados, que não.